

O Marinheiro Religioso



O oficial de serviço do dia deu todas as instruções necessárias para o cumprimento do dever de todos, a segurança do quartel. Quando foram dispensados, Gadelha descobriu que o sargento Albelard estava de serviço de polícia, no qual deveria fazer a ronda em todo o quartel. Assegurava que tudo estava em ordem, inclusive se os militares das guaritas estavam corretamente de serviço.

Ficou de sobreaviso. Não podia cometer nenhum deslize. Precisava continuar na Marinha. E qualquer infração podia complicar sua situação, às vésperas do curso para cabos.

O restante do dia correu normalmente. Trabalhou outra vez na limpeza do quartel e fez o melhor que podia. A noite veio e Gadelha foi para sua guarita. A temperatura estava amena, corria uma brisa fria, mas agradável. Do alto da guarita era possível avistar quase todo o quartel e as ruas que davam acesso a ele, exceto algumas partes que ficavam escondidas por árvores e coqueiros.

Sargento Albelard já havia partido para sua missão. Ia passando em cada guarita, surgindo sorrateiramente por trás de prédios e algumas folhagens, como um fantasma. Ninguém o via surgir, nem o ouvia caminhar. Parecia realmente que ele flutuava. – Desgraçado! – diziam alguns marinheiros. – Quer acabar com a minha carreira! – diziam outros. Não era sem motivo, muitos já haviam arrumado as malas e isso devido ao rigor de Albelard.

Enquanto isso, Gadelha estava pensando no dia seguinte. Ia sair com Manuela, sua boyzinha. (sim, é com essa gíria que eles chamam suas namoradas). Tinha um pagode muito bom no centro de Niterói e não podia perder. Sentia o cheiro de Manuela, doce e sensual. A pele macia, e seu jeito de falar. Os cabelos encaracolados eram o charme dessa moça, na flor da idade.

Ainda pensava quando percebeu Albelard caminhando lentamente pela rua. Sentiu um frio na barriga. Não que estivesse fazendo algo errado, foi o susto mesmo. O sargento aproximou-se e chamou-o.

– Apresente a guarita marinheiro! – gritou ele lá de baixo. A guarita devia ter uns três metros de altura.

– Guarita sete sem anormalidade, senhor! – disse o marinheiro em uma continência.

– Fica esperto aí, hein? – advertiu ele e continuou sua caminhada. Já devia ser uma da manhã.

Continuou a pensar na mulher. Tinha conhecido ela nos tempos de escola e desde então não se largaram. Como ele queria estar com ela agora! Quantas vezes ele podia ter saído com a namorada, mas foi impedido pelos serviços que dava. De dois em dois dias tinha que estar ali, pernoitando. Ossos do ofício...

A lua estava alta e seus olhos começaram a pesar. Quando o sono vinha era muito difícil segurá-lo. Sua cabeça balançava, enquanto cochilava. Às vezes acordava e percebia a saliva escorrendo pelo canto da boca. Limpava, se empertigava, mas novamente Morpheu atacava-o. Realmente cochilou, não havia jeito. Por mais que tentasse ficar acordado, não conseguia, estava muito cansado do dia.

Enquanto cochilava, de pé, ouviu os estalos de galhos quebrando, muito próximo a ele. Com os olhos semicerrados, viu o sargento Albelard aproximando-se furtivamente. Não se mexeu, porém. Ficou na mesma posição enquanto o sargento subia a escada. Quando ele estava quase chegando à guarita, Gadelha se benzeu três vezes e beijou a mão, abriu os olhos, levantou a cabeça e cumprimentou Albelard.

– Pois não, sargento?

– Mas que merda é essa marinheiro! – disse ele com os olhos arregalados.

– Eu estava rezando sargento. Sabe, a gente enfrenta tanta dificuldade no dia a dia que precisamos conversar com Deus sempre que possível. Nem que seja por cinco minutos...

– Eu pensei que estivesse dormindo... – disse ele descendo as escadas.

– Não senhor! Estou mais atento do que nunca. Eu estava apenas rezando...

– Pois continue atento. Se eu te pegar dormindo você já sabe... – disse ele caminhando, tendo dado as costas para Gadelha.

Essa foi por pouco. Gadelha, que não era nem um pouco religioso, descobriu nesse dia a importância de uma oração.